



Figura 1. Andressa P. Lawisch: *Demolição bairro Rio Branco*, 2023. Tinta esmalte sintético, madeira e tela sobre MDF. 203 x 113 cm.



O PROCESSO DA PINTURA DENTRO E FORA DO ATELÊ

Andressa Pacheco Lawisch

Resumo: Esse artigo aborda o meu processo poético em pintura, no trabalho *Demolição, bairro Rio Branco* realizada em 2023. Novas questões reverberaram nessa produção, onde o espaço do ateliê, o bairro Rio Branco e o prédio do Instituto de Artes da UFRGS estão relacionados. Partindo disso, utilizo como referência os trabalhos das artistas Lucia Laguna e Gisele Camargo, considero que o habitar e os elementos presentes em seus entornos atravessam suas poéticas.

Palavras-chave: Pintura. Ruína. Demolição. Ateliê. Colagem.

THE PROCESS OF PAINTING INSIDE AND OUTSIDE THE STUDIO

Abstract: This article addresses my poetic process in painting, within the artwork *Demolition, Rio Branco neighborhood*, carried out in 2023. New questions resonated in this production, where the studio space, Rio Branco neighborhood, and the building of the Institute of Arts at UFRGS are interconnected. Building on this, I draw references from the works of artists Lucia Laguna and Gisele Camargo, considering that dwelling and the elements present in their surroundings permeate their poetics.

Keywords: Painting. Ruin. Demolition. Studio. Collage.



INTRODUÇÃO

Instiga-me a aparência catastrófica de uma demolição, vejo nelas possibilidades de representação em pintura. Em minha dissertação explorei pinturas em grandes dimensões. A temática foi o limiar entre a figuração e a abstração, utilizava como referência fotografias de ruínas arquitetônicas de minha autoria.

Minha última série de trabalhos, em 2020, foram pinturas com materiais alternativos à tela e à tinta óleo. Trata-se da série *(des)construções – Ginásio da Brigada Militar* (2020), utilizei como suporte papelão e tinta esmalte sintética. Partindo desse trabalho, aumentou minha vontade de experimentar outros tipos de materiais, junto a isso, algumas questões surgiram, tais como: seria possível eu trazer em minha poética materiais usados na construção civil? Quais mudanças esses materiais iriam trazer em minha poética? Quais as relações entre a memória, habitar e ruína eu conseguiria em minha pintura? São esses tipos de questões que reverberam em minha pesquisa. Portanto, o campo da experimentação, como um laboratório do fazer, é ideal e necessário para eu explorar essas possibilidades.

MODUS OPERANDI

Utilizo como referência fotografias dos espaços arquitetônicos em arruinamento, preferencialmente em demolição. Neles percebo a decorrência de elementos que são para mim pictóricos, cujas aglomerações de calças formam uma estrutura na qual não é possível distinguir os objetos de forma separada. Segundo Heinrich Wölfflin (2000, p. 32) “naturalmente não existe um pictórico em si, e mesmo o assim chamado pictórico objetivo somente é pictórico para os olhos que assim o vêem”. Wölfflin tenta diferenciar o pictórico do linear, enquanto no pictórico “cada forma está ligada a um contexto maior, que surge a impressão de um movimento contínuo” (p. 32), ou seja, vê-se em massa, o linear irá se comportar de maneira diferente, “a visão linear distingue nitidamente uma forma de outra” (p. 27), ou seja, determina os contornos.



Quando traduzo na pintura uma imagem que já apresenta qualidades ditas pictóricas, o desafio durante a feitura é poder mesclar de forma mais abstrata o conjunto de objetos sem contornos definidos observados na fotografia. Costumo seguir uma série de etapas que antecedem a pintura, as quais envolvem: caminhar, fotografar e, de certo modo, vivenciar a demolição. Estes espaços, geralmente, fazem parte da minha rotina. Quando fotografei a demolição do antigo restaurante Bologna, foi numa época em que ia seguidamente para a Zona Sul, enquanto no caso do Ginásio da Brigada Militar, era o caminho para minha casa.

Minha fascinação em poder estar, pisar e percorrer as ruínas, advém de uma memória da infância. No pátio da casa dos meus avós, onde eu vivia, havia uma casa de tijolos que nunca foi concluída, e com o tempo começou arruinar. Era lá que eu brincava e percorria os espaços tomados pela vegetação. O ato que carrego comigo em percorrer o espaço em ruína, possivelmente ativa alguma memória afetiva em meu ser.

A PINTURA: DEMOLIÇÃO BAIRRO RIO BRANCO

O trabalho escolhido para esse texto, trata-se da pintura *Demolição bairro Rio Branco* (2023), o qual faz parte do meu percurso, entre o Ateliê (espaço compartilhado de convivência e criação, com pessoas para mim queridas) no bairro Rio Branco e a minha residência. Ao caminhar pelo entorno, me deparei com diversas demolições e construções pelo bairro, as quais registrei por meio da fotografia, uma das imagens utilizei para esta pintura.

No suporte em MDF usado nesse trabalho acrescento elementos oriundos de dois locais, que tenho ligação afetiva¹: a imagem do entorno do ateliê e os materiais recolhidos na reforma do Instituto de Artes - UFRGS (espaço onde tive minha formação acadêmica e cultivei amizades por anos).

¹ A palavra "afetivo", vem por eu entender que ela é um elemento fundamental do "habitar" o espaço. Durante a dissertação, defendi que o termo habitar tinha conotação afetiva, principalmente por eu considerar que "habitava" as ruínas das quais eu adentrava para fotografar e desse modo, eu poderia estar resgatando uma memória da infância em que eu brincava nas ruínas do pátio dos meus avós.



Atualmente, o Instituto, com aspecto de abandono, passando por uma reforma que faz parecer uma demolição às avessas forneceu os materiais como uma placa de MDF medindo 203 x 113 cm, partes de guarnição de portas e demais peças oriundas de construção. Foi desafiador pensar em uma composição com esses elementos, pois até então eu estava pintando em superfícies sem interferências de outros materiais.

Estes novos elementos transportaram meu pensamento em pintura para pensamento em colagem. A colagem é um ramo da pintura, e parte da composição com sobreposições de elementos juntos à superfície, criando espacialidades e composições específicas. Esta foi uma linguagem bastante comum na arte moderna, entre os dadaístas, cubistas, surrealistas, construtivistas e ainda hoje nos deparamos com trabalhos que contêm essa linguagem técnica. Marco Giannotti descreve um fator importante vindo do Cubismo.

A partir do cubismo, a obra de arte é concebida como realidade concreta e material em detrimento da representação e da aparência: a pintura não visa mais a impressão do objeto, mas é em si um processo de construção do objeto (Giannotti, 2020, p. 25).

Esse processo de construção que o Cubismo evidencia, direciona o olhar para a superfície. Os materiais agregados no suporte da pintura não estão representando alguma coisa, mas sim indicando que aquilo que enxergamos é o que enxergamos.

Nikolai Tarabukin, em seu livro *El último cuadro*, que traz textos publicados em 1923, desenvolve um estudo analítico sobre o Construtivismo Russo e reflete sobre o aspecto construtivo da pintura ao longo da história da arte. Para o autor, a construção não se resume somente à técnica e aos materiais, mas sim ao conjunto da obra. Tarabukin explica que a construção precisa acompanhar a composição para formar uma obra pictórica, ou seja, de modos separados não expressam o sentido artístico do objeto pictórico. “Os elementos da construção compositiva são aqueles que pertencem à construção, aos que se juntam aos elementos próprios da composição” (Tarabukin, 1977, p. 135, tradução nossa).



Sob o termo geral de construção – independentemente da forma e do destino desta – entendemos um conjunto de elementos reunidos por um princípio unificador, cuja unidade constitui um sistema. Se aplicarmos esta definição geral à pintura, devemos considerar como elementos da construção pictórica os elementos materiais e reais da tela, ou seja, as cores ou qualquer material que seja, a textura, a estrutura da cor, o tratamento do material e outros elementos unificados pela composição (o princípio) e cujo conjunto constitui a obra de arte (o sistema) (Tarabukin, 1977, p. 45, tradução nossa).

A partir dos movimentos citados, a pintura contemporânea, deixou de ser pensada somente como tinta sobre tela, e passa a experimentar outros materiais e elementos adicionados à superfície. Segundo Tiago Mesquita (2012, p. 257) “hoje cria-se a partir do manejo de técnicas milenares, mas também pelo arranjo de simples objetos apropriados de outros lugares, retirados da circulação cotidiana.”

Neste contexto, no meu trabalho utilizei tinta esmalte sintética para produzir a pintura. Trata-se de um material industrial, para pinturas em madeira e metal, como rodapés e grades, principalmente em ambientes externos que requerem durabilidade e proteção. A pintora Karin Lambrecht (1957) dizia que trabalhar com tinta esmalte era “quase uma negação [...] o esmalte sintético é uma tinta completamente industrial, fria, feia e malcheirosa [...]. Era uma coisa agressiva pincelar com aquela tinta.” (Lambrecht *apud* Farias, 2013, p. 77-78).

Rodrigo Andrade e os demais artistas da Casa 7², utilizavam materiais banais, como tinta esmalte e suportes como papel *kraft*. Eles estavam despreocupados com a durabilidade no trabalho e tinham o sentimento em explorar cada vez mais a linguagem da pintura, como esses materiais eram baratos permitia alta produção. Na minha pesquisa esta tinta funciona como meio de relação entre a pintura e a arquitetura.

2 Grupo dos anos 80, na época formados por cinco jovens artistas: Carlito Carvalhosa, Fabio Miguez, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, que compartilhavam uma casa como ateliê. Onde produziam e pensavam sobre arte.



A pintura *Demolição bairro Rio Branco* (Fig. 1) apresenta uma imagem planar e geométrica, com planos de cores e diagonais que dão sensação de profundidade. A fotografia de referência apresenta uma parte do muro que isola a demolição do caminho dos pedestres. Apropriei-me desse detalhe para convergir com o modo de exposição do trabalho: colocado no chão de modo vertical e encostado/inclinado na parede desse modo, a parte com maior destaque da pintura fica na altura dos olhos do expectador.

O modo de construir a pintura, com planos e misturas de cores, formando geometrismos, levam à sensação de ordenamento e camadas. A estrutura representada, logo atrás do muro preto, apresenta volumes que despertam as formas para a frente, causando proximidade em comparação ao restante da pintura (Fig. 2 e 3). Creio que muitos desses planos é uma forma natural da tinta se comportar na tela, por se tratar de um material de caráter industrial e/ou decorativo.

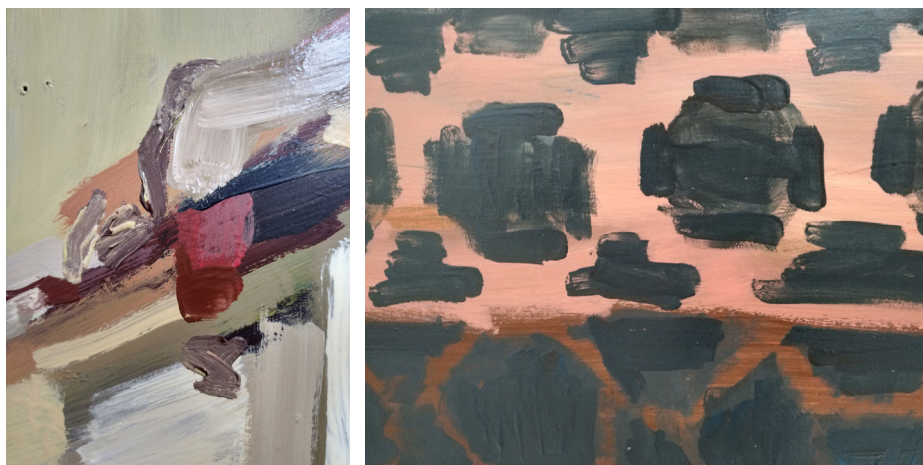


Figura 2 e 3. Andressa P. Lawisch: Detalhes da pintura *Demolição bairro Rio Branco*, 2023, 203 x 113 cm. Fonte: acervo da artista.

Ao longo do processo eu anotava em um caderno sobre a minha produção e percepção, nesse trabalho, como no exemplo a seguir (Fig. 4):



Dia 16/5. O céu ficará "chapado", tirei tudo que interferia atrás do prédio e cobri de azul. É uma manipulação que eu faço na pintura – deixando bem claro que a foto é referência e a pintura é a imagem. Não costumo detalhar a pintura como está na fotografia, porém, neste caso pareceu correto, por estar trabalhando com o plano da superfície. Tramas, grades e cobogós apontam para o plano [...]. Os efeitos de camadas causadas pelos recortes de tela parecem interessantes [...]. Muitas inserções na superfície foram para tapar algumas aberturas [dos recortes que tinha no suporte], mas como cobrir de forma que fique pictórico/ fique pintura? E não algo que pareça estar ali apenas para cobrir uma área indesejada? (Lawisch, 2023).

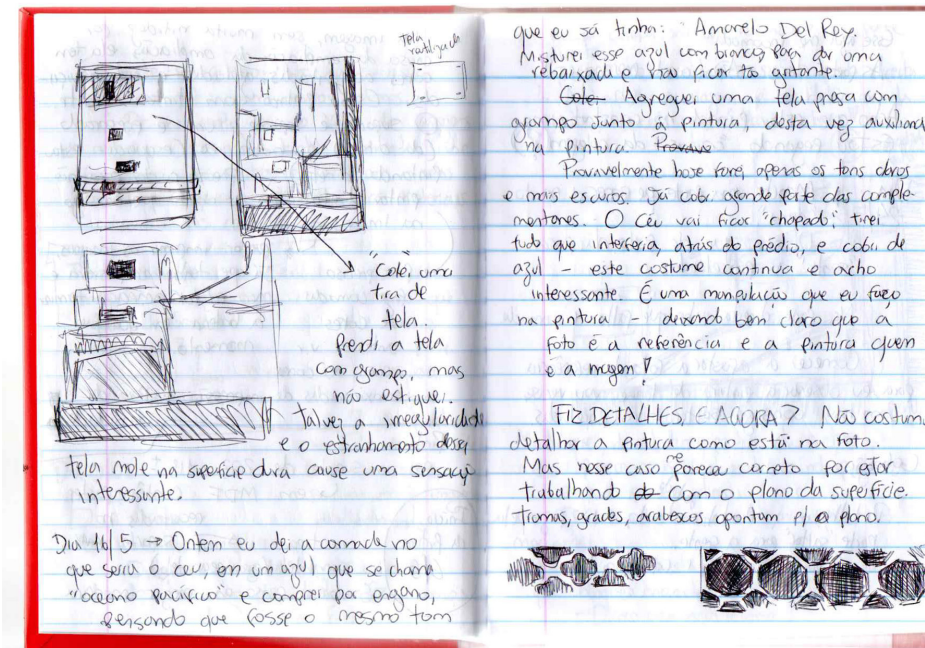


Figura 4. Andressa P. Lawisch: Imagens das páginas do caderno com anotações do processo, 2023.
Fonte: acervo da artista.

Acho importante em minha produção tomar notas do processo, sinto com isso que o ateliê vira laboratório, espaço de ideia e experimentação. Isabel Diegues e Frederico Coelho em relação ao desenvolvimento da pintura escrevem:



Tantas vezes dada como morta, e depois ressuscitada pelos teóricos da história da arte, na prática empírica do ateliê e na fertilidade mental dos artistas, a pintura não viveu paralisia ou esgotamento de ideias. Em seus desdobramentos a pintura é processo criativo em expansão, prática e reflexão que se entranham nas dinâmicas de outros meios e fazeres estéticos (Coelho; Diegues, 2012, p. 8).

A artista Lucia Laguna (Rio de Janeiro, 1941), realiza pinturas em grandes dimensões que dialogam com a paisagem urbana carioca. Vejo em seus trabalhos qualidades que considero importantes destacar em possível diálogo com minha pintura, tais como: blocos de cores, aspecto construtivo e desconstrutivo da pintura³, desestrutura da forma (não segue exatamente a referência, a imagem se adequa como pintura). Sua pintura é feita de fragmentos, segundo José Bento Ferreira (2011, p. 255) algumas pinturas “têm o aspecto de estruturas destruídas. Por vezes lembram montes de entulhos”. De maneira semelhante, porém diferente de mim, Laguna utiliza do ateliê como ponto de referência para seus trabalhos. Enquanto eu caminho pelo bairro, e procuro vestígios desconstrutivos da arquitetura para levar ao ateliê, Laguna trabalha de dentro de seu espaço e traz o que enxerga lá fora, pela visão da janela, para dentro do ateliê.

Lucia Laguna soube elaborar o jogo com os espaços banais de seu entorno, criando avizinhamentos com fatos diversos, próximos e distantes, em que ateliê, cidade, subúrbio, jardim, escola de artes, mundo se tornaram coabitações de um presente cotidiano (Campos, 2021, p. 167).

Dentre seus trabalhos, destaco a pintura *Estúdio*, nº 28 (Fig. 5), uma pintura em grande dimensão realizada nas técnicas acrílica e óleo sobre tela. Nele, observo diversos planos sobrepostos e a cor azul proeminente, provavelmente do contraste do azul da paisagem, em uma montagem que remete à colagem que envolve figuração e

3 Utilizo os termos construtivo e desconstrutivo não no sentido da arte construtivista, mas sim como ações do processo pictórico. Construir e desconstruir a imagem durante a feitura.



abstração, unindo formas ora geométricas, ora mais orgânicas. Alguns detalhes se assemelham às estampas, pintados de modo mais solto que o restante da pintura.



Figura 5. Lucia Laguna: *Estúdio nº 28*, 2009. Acrílica e óleo sobre tela, 130 x 190 cm.
Fonte: Instituto PIPA.

Gisele Camargo (Rio de Janeiro, 1970) é outra artista de referência, para mim. Ela apresenta grandes variedades de trabalhos, que vão das formas mais gráficas às mais pictóricas. Dentre essas pinturas, destaco dois grupos de trabalhos: *Brutos* e *Erosão*.

A série *Brutos* (Fig. 6), teve início em 2018, parte da referência de colagens feitas pela artista em seus cadernos de desenho. A imagem desses “brutos” contrasta com um fundo liso quase etéreo. São formas “esculpidas” com camadas espessas de tinta óleo, nas palavras da artista “bruto é meio como um ser que flutua nesse lugar horizonte” (Camargo, 2023). Já na série *Erosão* (Fig. 7), ela tenta através da pintura, moldar os caminhos dessa erosão. Seja com pinceladas verticais ou horizontais,



agregando camadas de cores que não apresenta um início nem um fim, que contêm escorridos e algumas raspagens durante seu processo. Para isso tudo acontecer, ela necessita “habitar” essa erosão. Sua referência vem das erosões presentes na Serra do Cipó – MG, onde Camargo vive e trabalha. Nas palavras da artista: “Erosão é um acontecimento para mim, ela é uma ação contínua. Você entra em uma erosão e você tem um processo do que está se desfazendo e do que está se reconstruindo” (Camargo, 2023).



Figura 6. Gisele Camargo: *Brutos*, 2018. acrílica e óleo sobre tela estucada na madeira, 170 x 170 cm. Fonte: Instituto PIPA.





Figura 7. Gisele Camargo: *Erosão*, 2019. óleo sobre algodão sobre madeira, 180 x 180 cm.
Fonte: Instituto PIPA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaco que a tinta esmalte sintético foi o meio de aproximar a linguagem da construção/arquitetura. A tão tradicional tela deu lugar à placa de MDF. Material tão comum em nosso cotidiano, como na construção de mobiliários. Demais partes agregadas à pintura, como guarnição de portas ou madeiras que sustentavam a arquitetura, faz junto com as telas recortadas e colocadas, um diálogo pictórico da colagem. Aspectos construtivos – tais como diria Nikolai Tarabukin, na qual a pintura apresenta elementos unificadores.

Construir e desconstruir a pintura utilizando materiais industriais converte-se em um grande desafio na elaboração de um trabalho. Esse modo de produção se afasta da maneira tradicional da pintura, onde comumente é utilizada tinta óleo ou acrílica sobre tela esticada em chassi.



Sobretudo, materiais diversos à técnica fortalecem o conceito construtivo da pintura e com isso, provocam outro ponto de vista diante do processo. Em *Demolição no bairro Rio Branco* surgiram formas e estruturas que eu não estava acostumada a trabalhar, como os tipos de planos chapados de cores, estrutura frontal e à reprodução dos detalhes vistos na imagem de referência. Por fim, sinto que haverá um campo vasto de investigações sobre o aspecto construtivo em meu trabalho.



REFERÊNCIAS

COELHO, Frederico; DIEGUES, Isabel (orgs). **Desdobramentos da pintura brasileira séc. XXI**. Rio de Janeiro: Cobogó. 2012.

CAMARGO, Gisele. **Transversalidades – Gisele Camargo**. 2023. Vídeo. Duração: 98min. Disponível em: <https://youtu.be/jo1vR-auXec>. Acesso em 28 de jul. 2023.

CAMPOS, Marcelo (org). **Lucia Laguna**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

FERREIRA, José Bento. O que os olhos falam. In: COELHO, Frederico; DIEGUES, Isabel (orgs). **Pintura brasileira séc. XXI**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

GIANNOTTI, Marco. **Breve história da pintura contemporânea**. São Paulo, SP: Claridade, 2009.

LAWISCH, Andressa Pacheco. Caderno de anotações pessoais da artista. Porto Alegre. 2023.

MESQUITA, Tiago. Pintura no Espaço em Obra. In: COELHO, Frederico; DIEGUES, Isabel (orgs). **Desdobramentos da pintura brasileira séc. XXI**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012. p.256 – 263.

TARABUKIN, Nikolai. **El último cuadro**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A, 1977.

Andressa Pacheco Lawisch é Doutoranda em Poéticas Visuais pelo PPGAV-UFRGS, na linha de Pesquisa Desdobramentos da Imagem. Mestra em Poéticas Visuais pela mesma instituição. Possui Bacharelado (2015/2) e Licenciatura em Artes Visuais (2022/2) pela UFRGS. Faz parte do Grupo de Pintura STUDIO P. Atualmente é professora substituta de Artes para o Ensino Básico Técnico e Tecnológico no IFRS - Canoas. Realiza pinturas cuja temática é o limiar entre abstração e figuração, usando como referências demolições e ruínas arquitetônicas.

